



«Lançado por terra», pintura de Charles M. Russell, 1907

Como eram os cowboys de verdade

A vida real dos heróis
da mais valorosa saga
dos Estados Unidos

WILLIAM H. FORBIS

A IMAGEM dele era a de um sujeito durão, incansável no cavalgar e rápido no gatilho, e é assim mesmo que ele aparece nos livros e nas pinturas do Velho Oeste. Muitos dos *cowboys* realmente domaram cavalos selvagens e alguns lutaram mesmo contra índios ou atiradores de laço, mas o verdadeiro *cowboy* norte-americano era com mais frequência um trabalhador sujo e cansado, que der-

retia os miolos ao sol da pradaria ou cavalgava quilômetros sem fim, sob chuva ou vento, para cuidar do gado, antipático e teimoso, sempre sujeito ao pânico.

Sua época de glória não vai além de uma geração, desde o fim da Guerra da Secessão até meados da década de 1880, quando o tempo ruim e a má administração das pastagens, o uso do arame farpado e o baixíssimo preço pago pela carne puseram termo ao velho sistema das longas e livres viagens desde as zonas de pasto até o local da venda. Nesse breve intervalo, o número de *cowboys* que conduziam o gado através das Grandes Planícies não atingia 40 mil, com o vaqueiro médio tratando da manada apenas durante sete anos, antes de se estabelecer definitivamente na cidade ou em seu próprio rancho.

A irmandade dos vaqueiros era constituída por todo tipo de homens. A maior parte deles era surpreendentemente jovem (a média de suas idades rondava os 24 anos). Muitos eram mexicanos, índios ou negros; outros, antigos soldados da União ou confederados. O nível de instrução do *cowboy* pode avaliar-se pela observação de um rapaz do Texas que disse: «Bem, quando vi que conseguia mungir uma vaca e fazer umas garatujas na lousa, achei que já estava ficando sábio demais para continuar na escola.»

O elemento básico da função e identidade do *cowboy* era o cavalo. Na realidade, poucos *cowboys* possuíam cavalos. Suas montarias eram

fornecidas pelo rancho em que trabalhavam. As relações entre o homem e o cavalo – mais do que um caso de amor entre um patrão benevolente e um fiel servidor – eram uma questão de conveniência. A maior parte dos *cowboys* era categórica em sua opinião de que «um homem a pé não é homem nem nada». Como disse o vaqueiro Jo Mora, *cowboy* sem cavalo «não passa de um mero ser humano de pernas tortas, que, às vezes, cheira a cavalo, dorme de camiseta e ceroulas e está sujeito a furúnculos e dispepsia».

Outra coisa de que o *cowboy* se orgulhava era de sua arma. Eles tinham consciência da aura de virilidade mortal que as armas de fogo lhes conferiam e traziam-nas consigo, sempre que iam encontrar uma garota, certos de que com isso iriam impressioná-la. No entanto, procurando mostrar-se valentes, alguns pareciam apenas ridículos. Um homem de Montana lembrava-se de um parente *cowboy* que regressou da cidade baleado. Dir-se-ia que fora ferido numa briga de bar. Nada disso: o pobre vaqueiro tinha disparado contra si mesmo, embora não gravemente, quando um fotógrafo lhe entregou a arma para que ele pudesse posar com um aspecto aguerrido para a família.

Lar na pradaria. O *cowboy* portava-se com uma espécie de pungente orgulho, perfeitamente convencido de que era o aristocrata dos trabalhadores do Oeste. Um inglês que visitou um amigo num rancho de Wyoming descobriu essa carac-

terística quando perguntou ao capataz: «O seu patrão está em casa?» Ele encarou-o bem de frente e respondeu: «O filho da mãe ainda não nasceu.»

O estoicismo era uma particularidade profundamente enraizada entre os vaqueiros. Queixar-se era considerado pouco profissional. Isso irritava os outros e não granjeava nenhuma simpatia. No entanto, poucas profissões havia com mais razões de queixa. Em qualquer dia, um *cowboy* podia encontrar-se no meio de um incêndio na pradaria, na areia movediça ou num estouro da boiada; podia ser cuspidado de cima do cavalo ou escoiceado, atacado por uma vaca ou ficar meio enregelado no inverno à procura do gado tresmalhado. O fato de terem de suportar extremos de temperatura provocava-lhes muitas vezes pneumonia — uma das principais causas de morte entre os *cowboys*, assim como acidentes de cavalo ou fulminação por raios.

Os sentimentos de maior reverência nos *cowboys* dessa época vitoriana eram reservados à mulher, isto é, às moças de família entre as mulheres. Tratava-se de uma reverência distante. O casamento era uma maneira de viver que quase todos os homens tinham de evitar enquanto fossem *cowboys*, porque andavam sempre de um lado para o outro; eram poucas as moças de família, e o salário pequeno demais para eles poderem sustentar uma família. Apesar disso, sempre que iam a algum lugar, procuravam

uma prostituta ocasional nas cidades de gado, mas suspiravam pela companhia de mulheres virtuosas. Conta-se que um jovem *cowboy* solitário andava quilômetros «apenas para se sentar no portal de uma casa durante uma ou duas horas, ficar olhando a filha de um colono qualquer, de faces coradas, balançar numa cadeira e coçar os cotovelos, sem um beijo ou um abraço sequer».

Seu dormitório pouco mais era do que uma favela rural; geralmente não passava de uma cabana de tábuas toscas ou de troncos de choupo. Fosse qual fosse a construção, todos eles tinham uma característica comum que os tornava instantaneamente reconhecíveis: o cheiro. O fedor que atingia as pessoas que por ali passassem era uma mistura de suor humano, estrume seco de vaca, alcaçuz dos nacos de fumo de rolo, velhas botas de trabalho e fumaça de lanternas de querosene ou de velas de sebo. Tais lugares apresentavam-se uniformes também quanto ao aspecto, num estado crônico de desarrumação. As roupas eram «dependuradas no chão», como disse um historiador da vida dos *cowboys*, «para não caírem e perderem-se».

Apesar do desconforto e da solidão, os *cowboys* conseguiam suportar a dura rotina da vida no dormitório e a filosofia básica das terras de pastagem em que ela assenta, pois cada um deles estava consciente de que se instalava um rancho para a criação e o bem-estar das vacas, e

não das pessoas. Se não estivesse fazendo hora ali pelo dormitório, ele sabia que poderia estar quase todo o tempo, até mesmo meses a fio, guardando gado e fazendo dezenas de outros trabalhos sujos ou monótonos muito pouco semelhantes a qualquer versão cinematográfica da vida de um *cowboy*.

Trabalho e contratemplos. A longa viagem com o gado era a maior e mais árdua aventura da vida dos *cowboys*. Era o acontecimento culminante de sua vida profissional, a possibilidade de mostrarem suas proezas, acompanhando grandes manadas desde as pastagens, onde valiam quatro dólares, até um local de venda, onde podiam alcançar o valor de 40 dólares por cabeça.

Fosse a manada de 500 ou de 2.500 cabeças, cada viagem tinha sua parte de trabalho árduo e de contratemplos. Os novilhos afogavam-se nos lugares mais profundos ao atravessarem os rios; os índios estavam constantemente pedindo ou roubando vacas; os colonos expulsavam a tiro as manadas de suas terras; raramente havia água suficiente para o gado, e as horas de sono eram poucas para os vaqueiros extenuados. Durante a viagem, um vaqueiro podia trabalhar 18 horas por dia, sete dias por semana, e era capaz de andar quase 3.000km sem outro conforto que não a fogueira do acampamento e sua cama de enrolar.

No entanto, o *cowboy* ia de boa vontade. Pouco importava que, como compensação por três ou

quatro meses de poeira, sede, bo-lhas, frio e perigos, recebesse uns escassos 100 dólares em dinheiro – o que mal dava para um chapéu novo e um par de botas enfeitadas. Aquela vida tinha suas compensações: a camaradagem no caminho, a satisfação de vencer a mais dura prova e talvez também uma orgulhosa sensação de partilhar algo de fundamental, de grande. Desafios e emoções desse gênero, ligados em alguns casos à premente necessidade de ter um emprego, lançavam os *cowboys* nessa carreira.

A situação mais perigosa durante a viagem era quando o gado, tomado de pânico, se punha em fuga durante a noite. Mil coisas podiam provocar o estouro da manada, desde o estrondo de um trovão na pradaria até a chama de um fósforo quando um *cowboy* acendia o cigarro. Incrível que pareça, o gado em fuga não emitia nenhum mugido. Um vaqueiro que estivesse dormindo apercebia-se subitamente de um retumbante tropel, a terra tremendo sob seu corpo. Compreenderia que o gado tinha estourado, e, quando o chefe gritava «Todos os vaqueiros e o cozinheiro!», o grupo corria tropeçando na escuridão para montar a cavalo. O gado, embora à primeira vista magro e desajeitado, corria a velocidade surpreendente, com os cascos ressoando na terra e os chifres se chocando à medida que disparavam por ali afora. Um estouro de boiada parecia, nas palavras de um *cowboy*, uma «tempestade de chifres e caudas».

Dois ou três *cowboys*, usualmente os melhores cavaleiros, esporeavam com força os cavalos para se porem à frente do gado. Em seguida, dependendo unicamente da «destreza das patas do cavalo para evitar perigos constantes», refreavam a marcha para reduzir a velocidade da investida. Ao cabo de cinco ou seis quilômetros terríveis, o gado habitualmente começava a formar círculo e, depois, a andar à roda. Para os vaqueiros, esse era um dos momentos mais perigosos, com a manada tão apinhada que, se um cavaleiro fosse apanhado no meio dela, podia ser derrubado de sua montaria e pisoteado até a morte.

O fim da viagem. Quando os cavaleiros, numa longa viagem, subiam a última colina e viam a distância os sinais de fumaça das lanternas tremulantes que assinalavam o fim da viagem, sentiam uma onda de quase irreprimível desejo. Durante meses, aqueles homens só se haviam banhado em águas lodosas no vau dos rios, e tinham o aspecto e o cheiro de um verão inteiro em cima da sela. Agora, com a cidade pecuária finalmente à vista, todos eles sabiam o que desejavam, acima de tudo, e não era uma bebida nem uma mulher: queriam sentir-se de novo limpos.

Barbeado e depois de um banho de água quente numa tina de pensão, o *cowboy* ia representar seu clássico papel de valentão gastador e bebedor. Na realidade, *cowboys* havia que, na bebedeira do fim da viagem, sucumbiam à ébria compul-

são de demonstrar sua virilidade com um revólver de seis balas. Não obstante, embora o jogo das pistolas viesse, de uma maneira ou de outra, a ser o mais espetacular e mais popular símbolo do *cowboy*, o clássico duelo de pistolas foi praticamente uma invenção dos romancistas baratos e do jornalismo sensacionalista do século XIX; na prática, poucas dessas contendas se deram. A maior parte das lutas com armas de fogo não era entre *cowboys*, mas entre os que se dedicavam ao jogo, os bandidos e os criminosos profissionais que cruzam as sendas escuras de qualquer sociedade.

Os *cowboys*, como outros norte-americanos do século XIX, adoravam ter aquela imagem dourada do Velho Oeste. Alguns vieram a gostar tanto dessa fanfarronice que chegaram a inventar incidentes de falsa violência para impressionar crédulos visitantes idos do Leste.

Um lance predileto nas cidades com estrada de ferro era o linchamento simulado. O vaqueiro Teddy Blue Abbott lembrava uma cena dessas, improvisada, que ele e alguns vaqueiros seus amigos representaram perto da estação de Fort Kearny, da Estrada de Ferro Union Pacific. Fizeram um boneco, passaram-lhe uma corda pelo pescoço e, no momento preciso em que o trem chegava, atiraram a corda para um braço de um poste telegráfico e içaram o boneco. Enquanto os passageiros, aterrados, ficavam boquiabertos, os «vigilantes» atira-

vam no boneco, que balançava, cortavam a corda e saíam arrastando sua vítima de palha pela planície fora, a galope, continuando a crivá-la de balas. No trem, as mulheres desmaiavam, as crianças choravam e um passageiro, bom cidadão, correu à estação para telegrafar a notícia do crime à capital do estado de Nebraska.

O código do Oeste pertencia agora à lenda e àquilo que alguns homens de negócios astutos compreenderam ser um produto rentável. Entre os primeiros a aproveitarem-se disso, encontram-se os editores de romances baratos, oferecendo a seus leitores bateladas de livros sobre os grandes feitos do Oeste. Alguns homens de iniciativa, particularmente William F.

(Buffalo Bill) Cody, regalaram o público do Leste exibindo verdadeiros *cowboys* de carne e osso. Esses espetáculos ao vivo, juntamente com os relatos romanceados dos viajantes pelo Oeste, impuseram para todo o sempre a imagem popular da vida fascinante do *cowboy*.

Os *cowboys*, é claro, continuaram a cooperar na perpetuação de seu próprio mito. O espírito de renúncia, não fazia parte da natureza dos *cowboys*, pois homens humildes não se agüentariam muito tempo nas Grandes Planícies. E se os *cowboys* procuraram viver em harmonia com sua imagem de heróis da mais ousada saga dos Estados Unidos, e se ficaram imortais, foi apenas por acreditarem merecer essa imortalidade. Talvez tivessem razão.

Nossa filha e seu marido, que é suíço, trouxeram os pais dele, num feriado, para visitar nossa fazenda em Eastern Cape. O velho, bem de manhãzinha, muitas vezes vinha até a cozinha, enquanto eu estava fazendo o primeiro chá do dia, e tentávamos conversar, ele em francês e eu em inglês, gesticulando muito. Certa manhã, quando se desenrolava um papo particularmente animado, Pierre, meu genro, irrompeu pela cozinha e desabafou: «Realmente eu não agüento! Nos últimos 30 minutos, vocês dois têm falado de assuntos completamente diferentes!»

— Claudine Butler, Kidd's Beach, África do Sul

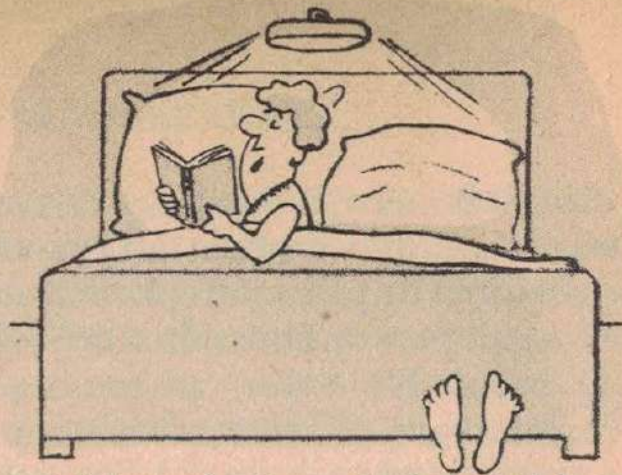
QUANDO criança, meu irmão, de sete anos, me levava sempre em sua bicicleta, e seu lance favorito era descer a íngreme ladeira de uma estrada de montanha em louca disparada. Petrificado, eu sempre fechava os olhos, mas nunca lhe disse nada, com medo de que ele não me levasse mais. Quando, 20 anos depois, descíamos a mesma estrada, mas de carro, perguntei-lhe: «Você se lembra como a gente despencava de bicicleta por aqui? Eu ficava com tanto medo que sempre fechava os olhos.»

«Puxa, você também?!» gritou meu irmão horrorizado. — E. von T.



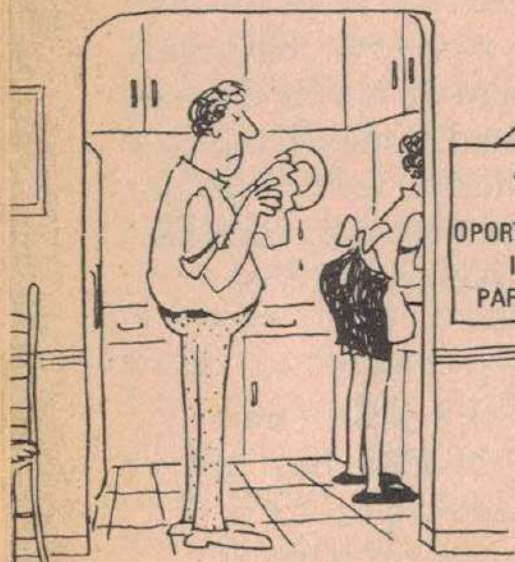
«Essa 'espuma amarela' aí de cima vem a ser exatamente o molho que eu preparei.»

GRAHAM, NO PUNCH (ROTHCO) ©



«A luz está te incomodando, querido?»

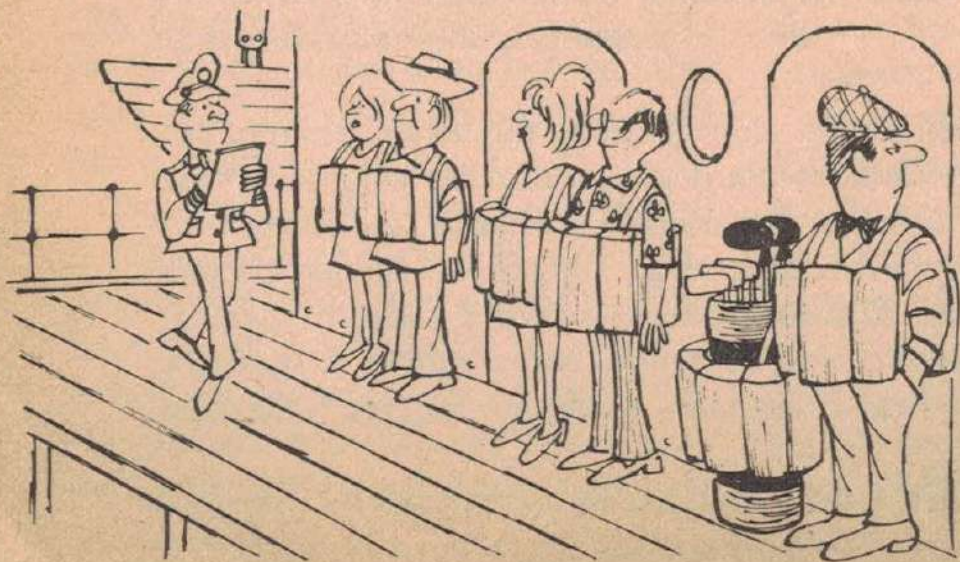
ART GATES, GATES FEATURES



DAVE GERARD, EM THE WALL STREET JOURNAL

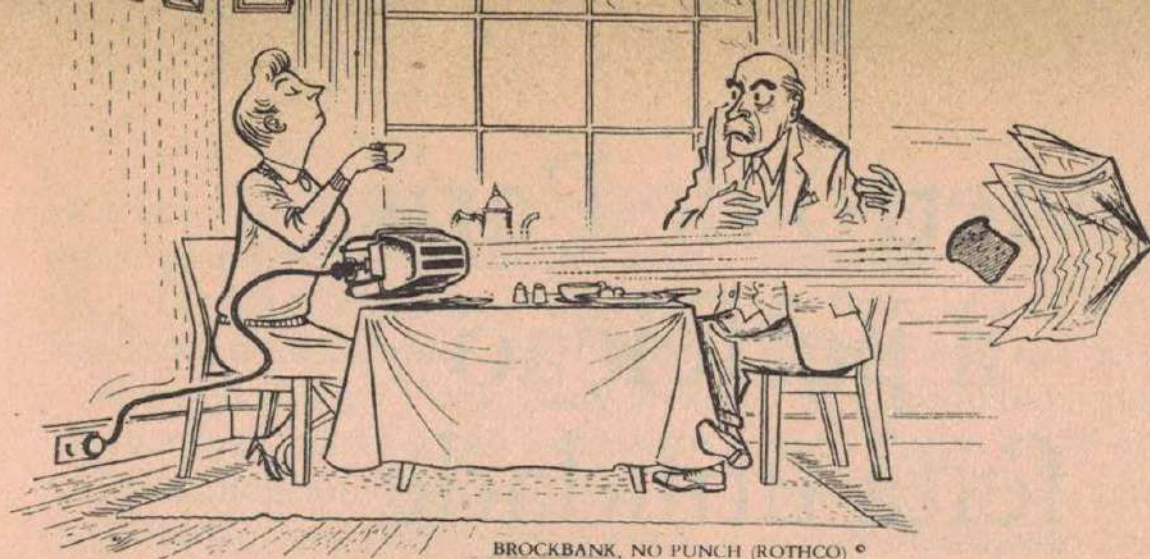


HOEST, EM
THE SATURDAY EVENING POST



«Não consigo encontrar meu salva-vidas!»

AL KAUFMAN, EM
THE OHIO MOTORIST



BROCKBANK, NO PUNCH (ROTHCO) °



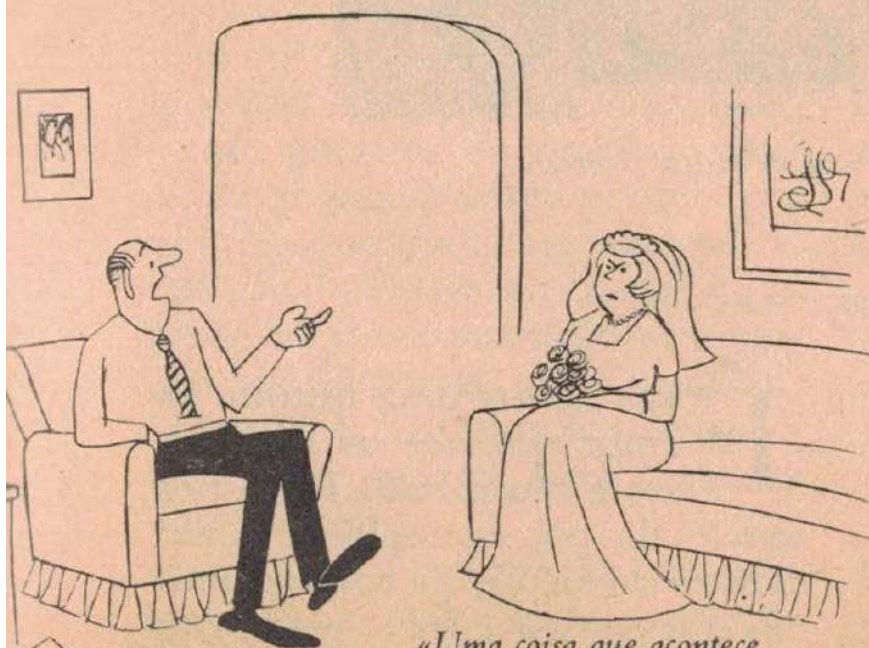
«Para você ver
que eu não me preocupo
só com as minhas plantas.»

DOUGLAS REDFERN, EM THE WALL STREET JOURNAL



«Será que não podemos ter
pelo menos uma discussão
sem que você queira provar tudo?»

MICHAUD, EM SATURDAY REVIEW



«Uma coisa que acontece
uma vez por ano, e que já tivemos 40?!...
Não pode me dar outra 'deixa'?»

AL JOHNS, EM MODERN MATURITY



«Alice, mas que diabo
aconteceu?»

JOSEPH FARRIS,

CHICAGO TRIBUNE - NEW YORK NEWS SYNDICATE